



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA ELÂNIA LIMA DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA CACHAÇA NA LITERATURA DE CORDEL**

**MONTEIRO  
AGOSTO – 2017**

**MARIA ELÂNIA LIMA DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA CACHAÇA NA LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

**Orientador: Prof. Me. Carlos P. de Almeida**

**MONTEIRO**  
**AGOSTO- 2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Maria Elânia Lima da.  
A representação da cachaça na literatura de cordel  
[manuscrito] / Maria Elânia Lima da Silva. - 2017.  
49 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida,  
Departamento de Letras".

1. Literatura de Cordel. 2. Literatura popular. 3. Cachaça. 4.  
Sertanejo. I. Título.

21. ed. CDD 398.27

**MARIA ELÂNIA LIMA DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA CACHAÇA NA LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras. Com a orientação do Prof. Me. Carlos Pereira Almeida.

Aprovada em: 09 / 08 / 2014

**BANCA EXAMINADORA**

*Carlos Pereira de Almeida*

Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida / UEPB  
Orientador

*Christina Gladys de M. Nogueira*

Prof. Me. Christina Gladys de Mingareli Nogueira / UEPB  
Examinador

*Adeilson da Silva Tavares*

Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares / UEPB  
Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os poetas populares que de uma forma tão bela escrevem e declamam seus poemas mundo afora, em especial aqueles que são grandes apreciadores da cachaça.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus por ter me dado saúde, inteligência e força para superar as dificuldades. Obrigada, Senhor pelas bênçãos em minha vida e por ter colocado uma família tão iluminada no meu caminho.

Família é uma das bases mais sólidas na vida de qualquer ser humano, sou grata eternamente aos meus pais, Seu José Carlos (Dudinha) e Dona Eliane que mesmo diante de tantas dificuldades me ensinaram valores e mostraram que através do amor e da educação é que se constrói um futuro melhor, quero que saibam que nunca poderei agradecer os anos que dedicaram e trabalharam duro para que seus filhos tivessem as oportunidades que vocês não tiveram. Seu Dudinha, eu te amo muito e os anos que o Senhor passou longe da família em prol de um trabalho digno que sustentasse a todos serão recompensados com todo carinho e amor que eu e meus irmãos temos para te dar, agora na sua velhice. Dona Eliane, a Senhora é a mulher mais forte que já conheci, mesmo longe do marido nos deu acesso à educação e nos ensinou a sermos decentes, eu a amo e admiro muito.

Meus irmãos, Edilson, Edilmo, Maria José e Elineuma, vocês são os melhores irmãos que alguém podem ter, contribuíram com a minha formação enquanto ser humano, com minha educação, e me mimaram como bons irmãos mais velhos mimam sua caçula. Meus cunhados Cristiane, Erlânia, Rubenildo e Ivanildo, vocês são como irmãos para mim. Meus sobrinhos Ellyson, Eduardo, Ellder e Neto, vocês são uma parte de mim, meus eternos bebês.

Agradeço em especial a meu amigo e amor Itamar Duarte, que me encontrou já na reta final do curso, quando eu me sentia desmotivada e me encorajou a conclusão deste TCC, és um dos maiores presentes que recebi na vida, mais importante que qualquer título ou diploma que eu venha a receber.

Aos professores que passaram por minha vida, desde Maria Helena, que me ensinou as primeiras letras até os da academia, vocês me servem de inspiração. Da UEPB, não posso deixar de falar em dois professores especiais que me ajudaram nessa jornada final de curso, Marcelo Medeiros que foi o responsável pela ideia de trabalhar a cachaça na poesia popular, e Carlos Almeida que me orientou com toda sua paciência e incentivou para que meu sonho se concretizasse. Obrigada meus queridos mestres.

Aos colegas de turma, meus eternos amigos dedicados e divertidos que tornaram meus dias de academia mais felizes, destaco em especial Erika, Fabrícia, Thiana e Maria José.

Por fim, aos poetas populares, pesquisadores e apologistas que disseminam essa arte tão bonita e não permitem que ela desapareça da nossa cultura popular.

Alguém já me perguntou:  
o que são mesmo os poetas?  
Eu respondi: são crianças  
dessas rebeldes, inquietas,  
que juntam as dores do mundo  
às suas dores secretas.

Dimas Batista

## RESUMO

A Literatura de Cordel é de fundamental importância para a identidade popular do povo nordestino, pois é capaz de veicular valores histórico-sociais e de se constituir como portadora de representações características do povo sertanejo. Este trabalho pretende apreender como a Literatura de Cordel retrata a cachaça e como se definem as figuras que o imaginário do poeta popular escolheu para lhe conferir identidade. A constatação de que a representação cordelística da cachaça ainda é pouco trabalhada nos meios acadêmicos sugeriu-nos este trabalho, que consiste num estudo de caso. Para isso, constituímos nosso *corpus* a partir de dois folhetos de cordel contemporâneos, dos quais recortamos sequências discursivas e analisamos segundo as representações feitas da cachaça, particularmente sob a ótica dos ciclos temáticos do Cordel contidos na obra de Albuquerque (2011) e Sobrinho (2003), segundo os quais, tais temáticas, de tão recorrentes, acabam gerando ciclos de abordagem autônomos, como é o caso da cachaça. Os Cordéis são: *A Peleja do Fígado Valente com Mané Cachacinha*, de Sávio Pinheiro, e *Discussão de um crente com um cachaceiro*, de Vicente Vitorino Melo. Ambos registram elementos que compõem as condições de produção e oferecem respostas a pressupostos que são levantados acerca da representação da cachaça, dentre os quais, alcunhas pejorativas que lhe adjetivam. Adentramos pela história do cordel e da cachaça, identificando a relação de ambas com a cultura popular nordestina, escavando as raízes do preconceito, da exclusão e da ausência da cachaça nos estudos literários. De antemão, constatamos na ideologia da comunidade sertaneja que a figura da cachaça está atrelada à figura do cachaceiro, e ambos fazem alusão ao alcoólatra, ou aquele indivíduo improfícuo que está à margem da sociedade, excluído de suas exigências econômicas.

**Palavras Chave: Cordel; Cachaça; Sertanejo; Preconceito; Exclusão.**

## ABSTRACT

Cordel literature is fundamentally important the popular identity of the Northeastern people, since it is capable of transmitting historical-social values and of being constituted as bearer of characteristic representations of the country people. This paper intends to understand how cordel literature portrays sugarcane liquor and how to define the figures that the popular poet's imagination has chosen to give his identity. The confirmation that the cordel representation of sugarcane liquor is still little worked in the academic circles has suggested this work, which is a case study. To do this, we constructed our corpus from two contemporary cordel leaflets, from which we cut discursive sequences and analyze them according to the representations about the sugarcane liquor, particularly from the viewpoint of cordel's thematic cycles contained in the work of Albuquerque (2011) and Sobrinho (2003), according to which, such recurrent themes end up generating autonomous cycles of approach, such as sugarcane liquor. The cordels are: "The Fight of the Valiant Liver with Mané Cachacinha", by Sávio Pinheiro, and "Discussion between a believer with a sugarcane liquor drinker", by Vicente Vitorino Melo. Both record elements that compose the conditions of production and offer answers to assumptions that are raised about the sugarcane liquor representation, among which, pejorative aliases that adjective them. We enter the history of the cordel and the sugarcane liquor, identifying their relationship with the popular Northeastern culture, digging the roots of prejudice, exclusion and the absence of sugarcane liquor in literary studies. In advance, we find in the ideology of the country community that the figure of sugarcane liquor is tied to the figure of the sugarcane liquor drinker, and both make reference to the alcoholic, or that unsuccessful individual who is at the margin of society, excluded from their economic demands.

**Keywords: Cordel; Sugarcane liquor; Country people; Prejudice; Exclusion.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPITULO I .....</b>	<b>13</b>
<b>A literatura de cordel - vencendo as distâncias nos sertões nordestinos.....</b>	<b>13</b>
1.1    O cordel e o vasto mundo da literatura popular .....	13
1.2    Xilogravura: A face impressa do cordel .....	16
1.3    Poeta popular: Representante da voz de seu povo .....	18
1.4    Os ciclos temáticos do cordel .....	19
1.5    Conjunturas ideológicas no consumo do álcool: A cachaça de hoje, graças ao açúcar de ontem.....	24
<b>CAPITULO II .....</b>	<b>27</b>
<b>O cordel e a produção de sujeitos cachaceiros.....</b>	<b>27</b>
2.1    Onde mora a inspiração .....	27
2.2    As representações da cachaça .....	28
2.2.1    Pelejando com um cachaceiro .....	29
2.2.2    A cachaça na perspectiva religiosa.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>43</b>
Cordel a Peleja do Fígado Valente com Mané Cachacinha .....	43
<b>ANEXO B .....</b>	<b>47</b>
Cordel Discussão de um Crente com um Cachaceiro.....	47

## INTRODUÇÃO

A produção cultural do nordeste brasileiro é bastante diversificada, principalmente no que diz respeito às manifestações populares. Nascida das tradições folclóricas, a cultura popular nordestina se apresenta como expressão típica de seu povo, manifestada na dança, na música, na poesia entre outros. Na poesia popular, encontramos uma gama de poetas dos mais diversos gêneros, tais como: o cordel, a cantoria de viola<sup>1</sup>, a embolada<sup>2</sup> e mais uma infinidade desses gêneros que contam através de métrica e rima um pouco da realidade do povo nordestino.

A literatura de cordel, também conhecida como Literatura de folhetos apresenta um vasto universo temático. O poeta popular dedica-se a produzir folhetos que consigam informar e também divertir o leitor. Esses temas versam absolutamente sobre tudo, contemplando temáticas que o povo, principalmente da região Nordeste, costuma debater no seu dia a dia. O poeta Diniz (2009), descreveu o cordel como:

Das faces do ser humano  
Seu agir e seu pensar  
O cordel é sempre escrito  
De forma peculiar  
Com rima, métrica, oração  
Com canto ou declamação  
Que faz rir ou emocionar  
(...)

Certamente, muitos se questionam sobre o que é cultura popular? Para Arantes (1981, p.7) “Cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social[...]”.

O conceito de cultura é bem mais amplo, e sua definição dependente de um ponto de vista ou de um determinado contexto, Garcia Canclini (1983) define que o termo cultura refere-se a:

A produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (CANCLINI, 1983, p. 29).

---

<sup>1</sup> Gênero desenvolvido por dois cantadores que fazem versos de improviso acompanhados por violas na afinação nordestina.

<sup>2</sup> Consiste em uma dupla de "cantadores" que, ao som enérgico e "batucante" do pandeiro, montam versos bastante métricos, rápidos e improvisados.

Para ele, a cultura não se configura meramente como uma oposição a natureza e vai no caminho oposto de qualquer conceito metodológico. A cultura, vai de encontro ao popular e ambas lutam para sobreviver em um mundo onde os processos de modernização sufocam aqueles que são considerados “invisíveis” simplesmente por insistirem na valorização de raízes tradicionais.

O fato é que as culturas são muito complexas, não compreendemos seu exterior sem mergulhar no seu interior, ela é fruto de seres que não se limitam a produzir um único modo de vida e que estão sempre buscando aperfeiçoar sua história:

Cultura popular é todo processo de democratização da cultura que visa neutralizar o distanciamento, o desnível “anormal” e antinatural entre as duas culturas através da abertura a todos os homens – independentemente de raças, credo, cor, classe, profissão, origem etc. – de todos os canais de comunicação. Fazer Cultura Popular é, assim, democratizar a cultura. É antes de tudo um ato de amor. [...]. Podemos então definir educação em termos de nossas análises anteriores: a instrumentalização do homem pela democratização da cultura. (MACIEL, 1978, p.143-144)

Dessa forma, esta pesquisa versará sobre a poesia popular, mais especificamente o cordel, e se debruçará sobre a temática da cachaça. Ao decorrer das análises críticas dos cordéis selecionados será discutida a pertinência dos seguintes questionamentos: Como a cachaça é representada na literatura de cordel? Que figuras o imaginário do poeta popular escolheu para dar-lhe identidade? Essas figuras vem sempre acompanhadas de cunho negativo? Ou apesar de ser considerada por muitos uma droga destrutiva, na poesia popular a cachaça é endeusada?

Nosso objetivo principal é analisar como a cachaça é retratada pelos poetas populares da literatura de cordel, bem como alguns objetivos mais específicos que visam oferecer respostas a pressupostos que são levantados acerca da representação da mesma, entre os quais o fato de que a cachaça leva alcunhas pejorativas no meio popular recebendo também muitas críticas o sujeito dito cachaceiro. Outro fato que merece destaque é a necessidade de averiguar e interpretar a voz do poeta em relação à cachaça, bem como compreender quais os efeitos de sentido no imaginário popular através de folhetos sobre cachaça. Perpassa pelos objetivos da nossa pesquisa a necessidade de oferecer mais estudos acerca da nossa poesia popular, e de uma temática tão pouco notada, mas muito consumida, que faz parte do cotidiano do Nordeste.

Nosso trabalho propõe-se a mergulhar de forma crítica na representação da cachaça em obras poéticas populares do Nordeste e se justifica no fato de perceber-se nos últimos anos uma crescente notoriedade a estudos da poesia popular nordestina, principalmente a literatura

de cordel. Temos, como por exemplo, o trabalho escrito por Maria Ângela de Faria Grillo de título: *Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos*, apresentado em 2007 através da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como também outra obra com autoria de Flaviane Leite Soares intitulada: *Literatura de cordel: um caminho para o letramento literário na escola*, através da Universidade de Pernambuco. Como visto, atualmente não é raro encontrar obras em que a literatura popular nordestina aparece como principal protagonista, porém em se tratando de poesia popular e cachaça há um verdadeiro vazio.

Observaremos então os motivos pelos quais a cachaça é tão pouco estudada na área literária, como também porque sua identidade é tão marginalizada embora seja bastante citada no meio poético popular. Nossa pretensão é apresentar um estudo significativo que trate da questão de forma mais aprofundada e tire da cachaça a invisibilidade nos estudos identitários da cultura popular de um povo, respeitando as representações contidas no imaginário coletivo. Convém observar que esse vazio nos estudos literários em relação ao nosso objeto de estudo, não se apresenta apenas na literatura popular, mas também na literatura como um todo. Portanto, a proposta de representar a cachaça em folhetos de cordel assume um importante destaque uma vez que estudos do gênero são praticamente ignorados por estudiosos da literatura.

Vale salientar que temos apenas um pequeno campo da poesia popular nordestina quando tratamos somente a literatura de cordel, Luyten (1992, p.14) afirma que, “A literatura de cordel significa a parte impressa e, como tal representa menos do que 1% da poesia realmente feita no nível popular”, cabe a *posteriori* um estudo mais detalhado sobre a temática da cachaça nas tradições literárias populares do Nordeste, como por exemplo na cantoria de viola.

Acreditamos que a cultura é o que dá sentido à vida, que a essência humana está na sua cultura, e também que é através dela que construímos nosso convívio em sociedade. Aliado a isso também acreditamos que a literatura enquanto cultura de um povo, é capaz de transformar sua forma de encarar o mundo e de transmitir bem estar, tanto para quem escreve como para quem lê.

Para compor este estudo, a metodologia será baseada em um estudo qualitativo-documental (Moreira, 2006) já que é desenvolvida através de material já elaborado como Cordéis, e feita uma reflexão crítica sobre o material. É considerada também explicativa pois busca explicar fatores que determinam ou contribuem para tal acontecimento, trabalhando na perspectiva de interpretar como a cachaça é representada na Literatura de Cordel.

Assim sendo, utilizaremos a linha de pesquisa dos ciclos temáticos do cordel, propostos por Albuquerque (2011) e Sobrinho (2003) e teremos nosso *corpus* constituído de cordéis que tem como temática principal a cachaça, essa, de tão importante abre debates a outros temas como religião, ciência, etc. Essas poesias serão extraídas dos cordéis “A peleja do fígado valente contra Mané cachacinha” de autoria de Sávio Pinheiro, e do Cordel “Discussão de um crente com um cachaceiro” do autor Vicente Vitorino Melo. Nosso estudo se divide em dois capítulos, primeiro um breve histórico sobre a Literatura de Cordel e sua disseminação pelo Nordeste do Brasil, no qual também contextualizaremos a difusão da cachaça e sua importância na cultura popular do país. E por fim, será feita a análise das poesias, pretendendo assim revelar representações mais características a respeito da cachaça em folhetos de cordel.

## CAPITULO I

### A literatura de cordel - vencendo as distâncias nos sertões nordestinos.

Literatura de Cordel  
 É poesia popular,  
 É história contada em versos  
 Em estrofes a rimar,  
 Escrita em papel comum  
 Feita pra ler ou cantar.

Francisco Diniz

#### 1.1 O cordel e o vasto mundo da literatura popular

Com mais de 100 anos de vida, a literatura de cordel brasileira enfrentou vários desafios para se manter de pé. Desde que surgiu no final do século XIX e início do século XX, ela viu de perto a ascensão de outros meios de comunicação que ameaçavam seriamente a sua existência, e resistiu bravamente a todo e qualquer avanço tecnológico, “[...] os poetas populares, verdadeiros porta-vozes do nosso povo, ainda não pararam de escrever ou de cantar e, sobrevivendo heroicamente, vêm, através dos tempos, alimentando a imaginação popular[...]” Borges (1978, p. 30), provando ser uma literatura não apenas importante na comunicação de um povo, mas também prazerosa aos que resolvem nela mergulhar.

Atualmente, o cordel nos mostra, felizmente, que sua produção literária ainda é efervescente com temas bastante pertinentes e atuais que ganham cada vez mais forma e se fortalecem nos assuntos que surgem diariamente.

Quando surgiu no Nordeste, a Literatura de Cordel tinha o intuito de relatar aos sertanejos mais humildes, que não tinham acesso à alfabetização nem a nenhum outro meio de comunicação, sobre os mitos, informações e todo e qualquer assunto da cultura local e distante. Porém, sua forma épica de contar essas histórias também proporcionava aos sertanejos que não sabiam ler nem escrever, a oportunidade de guardar consigo essas informações.

O principal motivo desse fato é que as sociedades humanas, quando são iletradas, têm a memória como único recurso para guardar o que acham importante. Daí a tendência de ordenar toda a espécie de mensagem em forma poética. O ritmo das frases e a semelhança das partes finais ou iniciais facilitam tremendamente a memorização. (LUYTEN, 1992, p.11)

A Literatura de Cordel leva esse nome pela tradição de pendurar folhetos em barbantes, esse costume é originário de Portugal, mas se espalhou facilmente pelo Nordeste do Brasil. É uma literatura que se apresenta de forma impressa, porém não dispensa a parceria oral “A oralidade, desde os tempos mais remotos até hoje, sempre esteve presente e o cordel é fruto dessa oralidade[...]” Albuquerque (2011, p. 23).

O cordel é descendente da oralidade pois a métrica, rima e ritmo tão tradicionais em cantorias de viola, serviram de princípios formais marcantes nessa literatura. Para Paul Zumthor (1997, p.10), pesquisador da oralidade em estudos literários, as tradições orais são tão importantes que: “Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas. ”

Com sua enorme dinâmica e força de expressão, a poesia ocupa um lugar de destaque entre as expressões de cunho popular, no caso do cordel, a sua narrativa de fácil entendimento chega muitas vezes a superar a prosa no quesito de levar informação, e aliada a sua forma de entreter o povo, o cordel ganha ainda mais destaque , por isso é que Luyten (2005) chama a atenção para o fato de que formas de prosa como “contos, anedotas, lendas” não conseguiram superar o cordel no gosto do sertanejo desde o final do século XIX.

Se em sua propagação o cordel serviu de instrumento mediador de conhecimentos em um tempo que a informação não era acessível a todos, hoje ele alcança novos espaços e desperta áreas da sociedade que não se destinam apenas a tradições populares. O cordel também serve de fonte para trabalhos do meio acadêmico, e sua natureza vasta nutre a imaginação de teóricos que encontram na literatura de cordel a inspiração necessária a suas pesquisas. Podemos também, encontrar cordéis que servem de subsídio ao professor em sala de aula. Ele então passa a servir de aparato capaz de aproximar o aluno com a cultura popular, bem como auxiliar o ensino de uma literatura que leve arte, lazer e conhecimento.

O ideal para experiências com esse tipo de literatura em sala de aula é que o professor também seja detentor de uma visão crítica e conhecimentos acerca do cordel, para que com seu auxílio, o aluno consiga ter uma visão mais ampla de como ele se constitui, desde sua métrica até sua xilogravura. É esta a proposta, aliás do PCN Ensino Médio (2006,

p.75) que diz “Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária.”

Fora o seu imenso valor cultural, o cordel serve de instrumento para oferecer conteúdo histórico em estudos de identidade de um povo, isso se dá por conta de seu vasto ciclo temático<sup>3</sup>. Para um estudioso, o cordel oferece embasamento teórico capaz de representar as mais diversas figuras enxergadas sob a ótica do poeta, desde a mulher, Deus, o diabo, a cachaça e outra infinidade de representações contidas em seus folhetos.

Ao longo do tempo muito se perdeu em termos materiais de folhetos de cordel, sua natureza frágil e impressa medindo cerca de 12cm x 18cm e com número de páginas que podem chegar a trinta e duas. Felizmente na atualidade existem várias instituições que fazem um trabalho de busca, resgate e restauração de obras de cordel dos poetas da antiga e da nova geração.

A cantoria de viola apresenta vários estilos como a gemedeira, galope a beira mar, martelo agalopado entre outros, porém o cordel apresenta seus versos com métrica e rima e uma estrutura simples, geralmente rimas em sextilha, mas sua estrutura pode variar desde que seja respeitado o conjunto que dá equilíbrio ao cordel que é constituído por métrica, rima e ritmos. A sextilha é uma estrofe composta se de seis versos heptassílabos (sete sílabas poéticas), e suas rimas são compostas da seguinte forma ABCBDB, de modo que o segundo verso rima com o quarto e o sexto. Ocorrem também, só que em menor regularidade, estrofes com dez versos setessilábicos com rimas em ABBAACCDDC. Vejamos o exemplo retirado de um folheto escrito em sextilha pelo poeta Leandro Gomes de Barros (1908), intitulado Casamento e divorcio da Lagartixa:

Não há quem viva no mundo  
Que não deseje gozar  
Desde o velho a criancinha  
Quer a vida desfrutar  
E tudo aspira o amor  
Porque viver diz –amar

Disse a lagartixa um dia:  
“Eu só ficarei solteira  
Se não achar nesta terra  
Nem um diabo que me queira  
Procurarei desde as casas  
Até o largo da feira.  
(...)

---

<sup>3</sup>Os ciclos temáticos serão tratados ainda neste capítulo.

É Leandro Gomes de Barros, o poeta de Pombal<sup>4</sup>, considerado o pai do cordel no Brasil, “[...] foi um homem filho do seu tempo, e como tal representou em suas obras o imaginário cultural popular. ” Silva (2011, p.27). Leandro, se destacou principalmente por escrever folhetos que retratam as mazelas de seu tempo, sua escrita irônica e ácida era uma forma de criticar governos e instituições de sua época:

Essa veia satírica e ferina contra as mazelas de seu tempo é uma das características da poesia leandrina. Sempre alerta e atento aos principais acontecimentos, o poeta não perdia a oportunidade de criticar o governo, as instituições e os costumes; umas vezes de forma sutil e criativa, outras vezes de maneira um tanto quanto direta e grosseira[...] (OLIVEIRA, 2012, p. 215)

As críticas que o poeta Leandro Gomes de Barros fazia, iam desde a mulher (excepcionalmente a sogra), a história, a religiosos e a coronéis e figuras da lei que cometiam abusos contra o povo. Enfim, um homem que não deixava de lado as lutas cotidianas do povo, talvez por isso sua obra tenha sido e ainda seja tão apreciada entre os admiradores do cordel. Há quem diga que suas obras em folhetos sejam acima de 600 títulos. Essa sua vasta produção literária lhe concedeu a cadeira nº1 na ABLC Academia Brasileira de Literatura de Cordel fundada em 1988, com sede no Rio de Janeiro. A ABLC é uma iniciativa de pesquisadores e admiradores do Cordel que buscam divulgar, resgatar e promover essa cultura de folhetos.

## 1.2 Xilogravura: A face impressa do cordel

Cabe, portanto, destacar no cordel impresso, o belíssimo trabalho de artistas conceituados na arte da xilogravura. Esta por sua vez consiste em uma técnica arcaica de impressão na qual é utilizada uma matriz de madeira que viabiliza a reprodução de uma imagem sobre o papel. Muito similar ao carimbo, a xilogravura acompanha “[...] folhetos como uma solução tardia, quando os clichês em zinco que vieram dos jornais já não atendiam à demanda das histórias. ” (AYALA.; FREIRE , 2010, p.04), comprovando mais uma vez a riqueza do cordel, que muitas vezes se utiliza da obra de três artistas populares para ser concebido: o poeta, o xilógrafo e o orador.

A princípio, os cordéis tinham suas capas ilustradas pelos clichês, que são obtidos “[...] a partir da gravação negativa de uma imagem qualquer estereotipada sobre zinco (zincografia) ou pedra (litografia) montado sobre uma superfície de madeira ou metal[...]”, e esses “clichês de zinco ou de cobre dominaram totalmente a maneira como se obtinha as

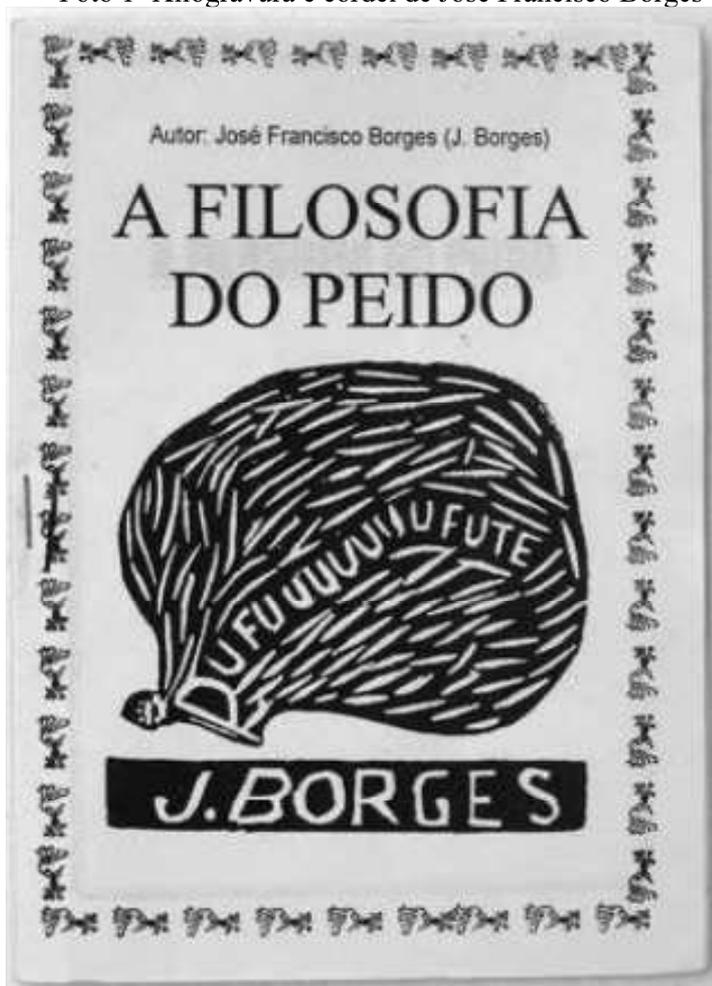
---

<sup>4</sup>Leandro Gomes de Barros nasceu em 19/11/1865 na cidade de Pombal no Estado da Paraíba. E faleceu em 04/03/1918. Foi um dos poucos poetas do gênero que viveu apenas de suas poesias.

ilustrações para as capas, utilizando tanto desenhos à mão, como fotografias e cartões-postais.” (OLIVEIRA, 2012, p. 302).

Porém, as ilustrações feitas através de madeira (xilo) entalhada foram agregadas ao cordel, levando o nome de xilogravura. Conhecida também pela sua forma bucólica e textura rústica, nela a imagem é esculpida ao contrário e colocada sobre o papel igualmente um carimbo, de forma a se obter um único exemplar. Além da imagem ilustrativa, geralmente desenho caricaturado que representa o conteúdo do folheto, a capa também contém o título, o nome do autor do cordel, do autor da xilogravura e em alguns casos a tipografia impressora. Abaixo vemos (Foto 1) uma típica capa de folheto de cordel.

Foto 1- Xilogravura e cordel de José Francisco Borges



Fonte: Acervo Maria Alice Amorim.

### 1.3 Poeta popular: Representante da voz de seu povo

A figura do poeta popular nordestino é sem dúvidas uma das mais importantes representações da cultura do Nordeste. Sua arte é fruto de uma criação poética divina, advinda de inspirações que ele vai buscar no mundo ao seu redor; seus cenários, suas lutas, seus prazeres, ou daqueles que o cercam. Admirado pelo povo, esse menestrel consegue juntar métrica, rima e ritmo exercendo um posto de mediador cultural, transformando as virtudes e mazelas ao seu redor em arte.

O poeta cantador de viola, é talvez o mais conhecido entre os poetas populares, devido ao seu grande talento para improvisar frente a um tema sugerido, ele brinca as palavras de uma forma bela. Suas maiores armas são a criatividade e a capacidade de criar histórias, em sua grande maioria nunca foram a escola, fato esse que não diminui a natureza estética de sua criação. No mundo do cantador de viola, o mais conhecido e admirado por sua rapidez no improviso foi o poeta Pinto do Monteiro que levava a alcunha de Cascavel do repente. Severino Lourenço da Silva Pinto, o Pinto do Monteiro versava com rapidez sobre um tema dado. Na velhice quando não tinha mais forças para segurar a viola fez um verso explicando os motivos de ter deixado de lado a vida de cantador, o verso se intitula “Porque deixei de cantar” e diz:

Deixei porque a idade  
 Já está muito avançada  
 A lembrança está cansada  
 O som menos da metade  
 Perdi a facilidade  
 Que em moço eu possuía  
 Acabou-se a energia  
 Da máquina de fazer verso  
 Hoje vivo submerso  
 Num mar de melancolia.

Não posso atender pedido  
 Que a mim fez muita gente  
 Porque estou velho e doente  
 Fraco, cansado, abatido,  
 De mais a mais esquecido  
 Sem som sem mentalidade,  
 Ficou somente a vontade  
 Mordendo como formiga  
 Nunca mais vou em cantiga  
 Pra não morrer de saudade. (apud VERAS, 2002, p. 285, 289).

Atualmente, encontramos grandes poetas da nova geração, mas segundo estudiosos e até os próprios poetas, nenhum se iguala a Pinto na rapidez e qualidade dos versos.

O poeta popular fornece ao mundo apenas consequências imateriais do seu trabalho, como ser humano ele reconhece que seu discurso poético não pode sair diretamente da poesia e alterar algum contraste da vida material, porém seu valor simbólico chega até a consciência do leitor mediante sua ideologia, para ele isso torna sua existência mais bela. Ariano Suassuna traduziu bem sua visão de poeta em relação ao mundo ao seu redor quando disse:

E eu trabalho: penso, escrevo,  
 invento, na Poesia,  
 crio histórias para os outros,  
 espalho alguma alegria,  
 espanto a treva do Mundo  
 que em meu sangue se alumia  
 dou beleza ao crime e ao choro...  
 É pouco, mas tem valia! (SUASSUNA, 2008-a, p. 166).

#### **1.4 Os ciclos temáticos do cordel**

Nosso trabalho trata diretamente de um tema presente em folhetos de cordel, para tanto, é necessário situar o leitor a respeito de certos ciclos temáticos existente em seu vasto mundo. Tais ciclos já são objeto de estudo de muitos pesquisadores e são alvo de grandes debates em relação a classificação de seus temas.

Dessa forma, os ciclos temáticos correspondem a alguns temas, que de tão recorrentes acabam por gerar suportes temáticos autônomos. Em sua tese, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque elencou 27 ciclos temáticos que nos dão a ideia do quão vasto é a criação literária do cordel. ALBUQUERQUE (2011) descreve essas classes temáticas como:

1-Agricultura: Trata de técnicas utilizadas para cultivar plantas, bem como de política agrícola, práticas de higiene, segurança e qualidade alimentar, de métodos usados na agricultura, de culturas agrícolas e problemas ambientais.

2. Biografias e personalidades: Tratam de figuras atuais ou atualizadas, tipos étnicos e tipos regionais, etc.: pessoas que se destacaram, no bem ou mal, e que, popularizando-se na memória coletiva, tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social.

3. Bravura e Valentia: Cantam a bravura dos cangaceiros e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo, e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco.

4. Cidade e vida urbana: Trata da fixação de aspectos da vida urbana, descrição das cidades e dos estados.

5. Ciência: Trata do saber, do conhecimento de certas coisas que servem à condução da vida ou à dos negócios; dos conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática; da hierarquização, organização e síntese dos conhecimentos através de princípios gerais (teorias, leis, etc.)

6. Contos: Folhetos que falam de onde vêm os contos populares, como os contos de “fada”, “Histórias de Trancoso”, “lendas”, “mitos” e “fábulas”.

7. Crime: Folhetos que tratam da violação a uma norma moral, da lei penal incriminadora. Ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar, ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo.

8. Cultura: Trata de atividades e modo de agir, costumes, tradições e instruções de um povo.

9. Educação: Fala da educação como processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas, a fim de tomar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades.

10. Esporte: Trata das formas de atividades físicas, formais ou informais, que visam à melhoria das capacidades físicas e mentais, fomentam as relações sociais, ou visam obter resultados na competição a todos os níveis.

11. Erotismo: Nesses folhetos, não há intenção de ofender a moralidade pública. O poeta situa-se na objetividade ingênua própria da literatura de cordel. São folhetos que têm o órgão sexual masculino como principal temática, representado, simbolicamente, por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, linguça, dentre outros.

12. Feitiçaria: Trata das atividades de feiticeros, de ações de bruxaria, sortilégio, malefício.

13. Fenômeno Sobrenatural: Trata de fenômenos que não tenham uma causa natural, coisas malignas, mundo espiritual, fenômenos paranormais, espiritualidade.

14. História: Folhetos que tratam de fatos históricos.

15. Homossexualismo: Trata de experiências sexuais, afetivas e românticas, principalmente, entre pessoas do mesmo sexo.

16. Humor: São cordéis com conteúdos cômicos, piadas.

17. Intempéries: Folhetos que falam de fenômenos da natureza relacionados a secas, inundações, terremotos e outros, os quais podem ser vistos como castigo divino aos pecados dos homens. Do êxodo rural. Deslocamento de pessoas da zona rural (campo) Para zona urbana (cidades). O fenômeno ocorre quando os habitantes do campo visam obter condições de vida melhor.

18. Justiça: Trata a justiça como princípio moral, prática de atos e/ou decisões que corrijam uma situação ou punam uma falta, de forma a beneficiar aqueles que fizeram por merecer ser beneficiados ou a unir aqueles que ofenderem física e/ou moralmente outra(s) pessoa(s).

19. Meio Ambiente: Conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural sem a intervenção do homem, incluindo vegetação, animais, microrganismos, solo, rochas, atmosfera e fenômenos naturais. Poluição. Ecologia.

20. Moralidade: Trata de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e, conscientemente, por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

21. Morte: Trata do término da vida de um organismo, como também ao estado desse organismo depois do evento. As alegorias comuns da morte são o Anjo da Morte, a cor negra, ou o famoso túnel com luminosidade ao fundo.

22. Peleja: São folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a um amigo poeta. Conta-nos os seus autores que imaginam de início, um encontro em casa de um fazendeiro (o desafio dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de

madeira representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio. Gravura comumente encontrada nas capas das publicações do gênero.

23. Poder: Desvio e abuso de poder político, do poder executivo, do estado e do governo.

24. Político e Social: Trata “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes. Participação social enquanto possibilidade para o exercício da cidadania.

25. Religião: Trata da difusão de ideias religiosas baseadas na tradição cristã, com histórias de Jesus ou da vida dos Santos da Igreja Católica.

26. Romance: Fala de amor, de sofrimento, de príncipes, fadas e reinos encantados.

27. Saúde. Doença: Trata do estado de completo bem-estar físico, mental e social. Distúrbios das funções de um órgão, da psique ou do organismo humano (2011, p.253 a 256).

Para tanto é importante destacar que quanto as classes da Literatura de Cordel muitas são as proposições de estudiosos da área. Podemos tanto as encontrar denominadas de temas, gêneros, tipos, bem como de ciclos temáticos. Sobrinho (2003, p. 109) por exemplo define os temas como tipos e afirma que:

O nome “folheto”, em Literatura de Cordel, é entendido, como nome genérico mas, conforme o número de páginas, podem ser classificados em: “folhetos” (quando de 8, 12 e 16 páginas) e “romances” (quando de 24, 32, 48 e 64 páginas) ou “histórias” conforme o conteúdo e o assunto. São eles:

1 - Peleja, Debate, Discussão e Encontro	10 - Castigos e Exemplos
2 - Marcos e Vantagens	11 - Política, Sociedade e Ciência
3 - História de inspiração popular	12 - Reportagens
4 - História de inspiração não popular	13 - Heroísmo
5 - Fabulação	14 - Proezas
6 - Gracejos e Espertezas	15 - Miscelânea
7 - Religião e Beatismo	16 - Profanação
8 - Profecias	17 - Depravação
9 - Avisos (SOBRINHO, 2003, p. 109)	18 - Conselhos
	19 - Escândalo e Corrupção

Também no Brasil, como assinala Albuquerque (2011, p. 64/65), estudiosos da área como Ariano Suassuna “[...] propõe a classificação por ciclos temáticos de poetas populares e de romances versados [...]”. Pinheiro e Lúcio (2001, p. 70) por sua vez reduzem a quatro tipos de folhetos, entre tantos outros que fazem tais classificações.

É válido questionar-se onde o nosso objeto de estudo, a cachaça se encaixa nesses ciclos. Albuquerque (2011) os coloca na classe temática moralidade e nos dá a seguinte informação:

<b>TÍTULOS DOS FOLHETOS</b>	<b>FIGURAS</b>	<b>CONTEXTO</b>	<b>TEMAS</b>
A peleja do fígado valente com Mané Cachacinha	<b>Discussões</b>	<i>De severas</i> <b>Discussões</b> <i>Com malícia e [esperteza</i>	<b>Discussão</b>
Discussão do crente e o cachaceiro	<b>Meteu</b>	<i>O crente <b>meteu</b> a Bíblia</i> <i>Na cara do</i> <i>[cachaceiro</i>	<b>Violência</b>
Escravos do vício	<b>Vício</b> <b>Bebida</b>	<i>Você não deixa este <b>vício</b></i> <i>Desta maldita <b>bebida</b></i>	<b>Hábito</b>
Um bebo liso	<b>Bebo</b>	<b><i>Bêbo</i></b> nunca cai de frente	<b>Hábito</b>
Filho de peixe é peixinho	<b>Bebendo</b>	<i>Desde muito pequenino</i> <i>Eu via meu pai <b>bebendo</b></i>	<b>Hábito</b>
Arengas de um cachaceiro dentro de um ônibus lotado	<b>Bebeu</b>	<i>Que <b>bebeu</b> lá no meu bar</i>	<b>Hábito</b>
Destino do biriteiro	<b>Embriaga</b>	<i>Toda vez que se <b>embriaga</b></i>	<b>Hábito</b>
Já bebi, não bebo mais! Bebo até lascar o cano	<b>Vício</b>	<i>Fui um dos apaixonados</i> <i>No <b>vício</b> da bebedeira</i>	<b>Hábito</b>
Escravos da cachaça	<b>Vicia-se</b>	<i>Mas aquele que <b>vicia-se</b></i>	<b>Hábito</b>
Seja independente do vício do alcoolismo!	<b>Viciada</b>	<i>A pessoa <b>viciada</b> Passa por</i> <i>muito desgosto</i>	<b>Hábito</b>
A vida do velho barreiro	<b>Consome</b>	<i>Em que a cachaça <b>consome</b></i>	<b>Hábito</b>

Exaltação a cachaça	<b>Paladar</b>	<i>O paladar que contém</i>	<b>Degustação</b>
---------------------	----------------	-----------------------------	-------------------

Tabela 1- Ciclos Temáticos

### **1.5 Conjunturas ideológicas no consumo do álcool: A cachaça de hoje, graças ao açúcar de ontem**

Neste trabalho, nosso objetivo principal é representar a cachaça através de uma ótica literária, para tanto daremos uma melhor compreensão a respeito da cachaça partindo da sua história e de como seus aspectos e suas características influenciaram para sua representação tal como é hoje.

Segundo a história, a cachaça é uma bebida originalmente brasileira. Foi descoberta ainda nas décadas iniciais da nossa memória colonizada, isso quando o cultivo da cana-de-açúcar despontava com um alto valor de exploração, que era devido ao grande potencial das terras aqui encontradas pelos colonizadores para tal cultivo.

Neste cenário surgiu uma bebida que ao longo da história tem sido produto de consumo de todas as classes sociais, visto que a cachaça primeiramente apreciada apenas pelos negros escravizados foi aos poucos conquistando espaço entre as outras camadas da sociedade.

Quando atracaram em terras brasileiras, os portugueses trouxeram consigo a vontade de tornar essas terras grande produtora de açúcar, um produto considerado nobre pelos europeus. Foi a partir desses engenhos de cana teve origem um produto “brasileiríssimo” e atualmente muito apreciado: a cachaça, que com o passar dos tempos veio a se tornar patrimônio cultural deste país.

A cachaça, como a conhecemos hoje foi descoberta de maneira acidental, isso porque os engenhos de cana que fabricavam o açúcar durante o período colonial dispunham de trabalho escravo, e foram eles os escravos que tiveram o primeiro contato com a “branquinha”. De alguma forma os escravos conseguiram destilar a espuma suja e fermentada que era descartada da garapa da cana. Essa espuma já era utilizada na alimentação dos animais e dos próprios escravos, porém consumi-la na forma destilada os deixava mais dispostos e alegres, resistindo mais facilmente às difíceis penas as quais eram submetidos. Cascudo (2006) descreveu esse episódio como:

E por essa ser imundícia vai pelas bordas das caldeiras bem ladrilhadas fora da casa, por um cano bem enterrado, que a recebe por uma bica de pau, e serve para as bestas, cabras, ovelhas e porcos; e em algumas partes também os bois a lambem; porque tudo é doce, e ainda que imundo, deleita (CASCUDO, 2006, p.17).

Inicialmente a cachaça foi chamada de “*cagassa*” (Cascudo, 2006), e com a sua descoberta onde antes existiam apenas os engenhos de cana passaram a existir também os alambiques<sup>5</sup>, com o tempo já era dos alambiques que saíam a maior parcela da economia local. Portugal até tentou proibir a fabricação da cachaça pois esta estava ganhando mais espaço que a bebida produzida lá, e eram tão fervorosas as investidas de Portugal contra a cachaça que como conta Trindade (2006) chegou a acontecer em Minas Gerais o que se chamou de Revolta da Pinga:

Nos séculos XVII e XVIII, a chamada Revolta da Pinga foi um dos muitos movimentos nativistas mais interessados em combater a cobrança exagerada de impostos do que lutar pela independência. Ela ocorreu na vila de Pitangui, em Minas Gerais, contra a taxaço do comércio da cachaça. Em janeiro de 1720, uma tentativa do governo de regulamentar o comércio gerou um levante popular. As respostas das forças do governo foram imediatas: ao todo, quinhentos homens foram arregimentados para combater os revoltosos. Após duros combates, as tropas rebeldes foram vencidas e para escapar das perseguições embrenharam-se pelo interior de Goiás (TRINDADE, 2006, p. 42).

Ao longo do tempo como era de se esperar, a cachaça que era popular apenas entre os escravos e as pessoas de baixa renda, se tornou um produto apreciado por todas as classes sociais e exportado para o mundo todo. Com um sabor e aroma característicos, a cachaça é composta basicamente de etanol e água, e recebendo também compostos secundários conforme padronização desejada.

Atualmente podemos constatar que existe um empenho enorme do setor produtor de cachaça que investe na melhoria da qualidade do produto, esses investimentos são impulsionados pelo desejo de conquista do mercado de exportação e também para que no mercado interno alguns estigmas que ainda teimam em existir de que a bebida tem qualidade ruim, sejam de uma vez por todas extintos.

Historicamente a cachaça brasileira foi fadada a levar estereótipos de bebida com má qualidade e inferior a outros destilados, principalmente por ter saído das senzalas. Porém segundo Figueiredo e Priori (2005 p.09) “Por incrível que pareça, muita gente ainda não sabe o que é uma cachaça de qualidade.”. Para o autor e pesquisador do produto brasileiro, a cachaça muitas vezes é marginalizada diante de outras como Whisky e Vodka ou porque a

---

<sup>5</sup> Usado na destilação de bebidas, o alambique é composto por uma caldeira que se junta a serpentina resfriando e recolhendo o destilado.

maioria dos brasileiros já internalizou que ela é a bebida das classes mais humildes ou porque nunca provou uma cachaça de qualidade, e completa:

O que acontece é que estamos acostumados a julgar a cachaça a partir de seus piores exemplares- sensorialmente e talvez até quimicamente falando. Acostumados com suas versões mais simplórias, muitas pessoas pensam que a bebida nacional tem “gosto ruim”, dá dor de cabeça no dia seguinte e é invariavelmente mais forte que qualquer outra. (FIGUEIREDO; PRIORI, 2005, p. 09)

Como um produto verdadeiramente nacional, a cachaça atualmente é produzida em quase todos os estados do Brasil, e conta com diversas entidades que lutam pela sua valorização nos mercados internos, tais como a Associação Brasileira de Bebidas (ABRAPE) e o Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), que incentivam as novas tecnologias e o aperfeiçoamento do produto (CARVALHEIRA, 2006).

## CAPITULO II

### O cordel e a produção de sujeitos cachaceiros.

Eu acho que não convém  
 Falar de quem bebe porre  
 Porque se quem bebe morre  
 Sem beber morre também  
 Apenas quem bebe tem  
 Suas artérias normais  
 Trata das fossas nasais  
 Controla o metabolismo  
**Cachaça no organismo**  
**É necessário demais!**  
 MANÉ FILÓ

#### 2.1 Onde mora a inspiração

Vem de Baco, Deus do vinho e da fecundidade, e da Mitologia Grega, as primeiras representações do álcool e do que pode vir ligado a ele como festas, excessos, sexo e muito mais (ULIANA, 2011). Muitos séculos se passaram e o álcool, uma droga poderosa que induz a dependência, ainda é presença constante em comemorações da sociedade moderna, embora quando consumido em excesso ele seja muito prejudicial à saúde. Por esses e outros fatores o álcool e tudo que está ligado a ele muitas vezes é motivo de preconceito, porém também alvo de descobertas e questionamentos entre pesquisadores e cientistas.

Na literatura também se faz necessário observar aspectos relevantes ao álcool como parte do imaginário coletivo, visto que, há uma incidência muito grande de referências a ele, não só na obra como também na vida de muitos artistas consagrados.

Culturalmente, o bar sempre foi o lugar de fazer amizades, esquecer os problemas cotidianos ou maldizer um amor não correspondido, aliado a isso se criou uma lenda de que poeta escreve melhor quando está sob efeito de álcool, e essa crença de que a criatividade é estimulada pelo álcool existe desde muito tempo assim como disse o poeta antigo Horácio (século 1 a.C.) “Quem bebe só água não escreve bons poemas”. Lins (2013) diz que o álcool se torna um instrumento do pensamento, pois o problema do pensamento não está vinculado à essência, mas à avaliação do que tem e do que não tem importância. Então virou um

verdadeiro glamour não só entre os poetas populares, mas na classe poética em geral bem como os intelectuais, os efeitos inspiradores que o álcool traz. Verdade ou não, há quem afirme que não faz boas poesias estando sóbrio, assim como existem poetas que afirmam que suas melhores poesias somente surgem de sofrimentos e dores cotidianas.

Para (ARANTES, 1981, p.54) “O que define a cultura popular é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social”, e no sertão nordestino é muito fácil identificar traços da sua cultura. A cachaça, por exemplo, é a mais conhecida bebida alcóolica idealizada e divulgada pelo povo, faz parte da sua cultura, e é tida muitas vezes como lenitivo para acalmar as feridas do cotidiano, sendo bastante presente na vida do sertanejo. A poesia, a vaquejada e outras tantas formas de manifestações também fazem parte dessa cultura que foi transformada através de fatores históricos e sociais.

## **2.2 As representações da cachaça**

A representação que o poeta popular faz da cachaça não interfere na construção de sentidos que faz o imaginário coletivo, isso significa que quando o poeta escreve e edita seus folhetos em momento algum ele está impondo o leitor a compreender e assimilar conforme a maneira que pensa. O leitor está livre para apropriar-se e interpretar o folheto conforme sua capacidade de representar, podendo este corromper e distorcer significados conforme permite sua imaginação.

Representar configura-se, portanto como uma interpretação individual leitor-obra e envolve processos ideológicos próprios como afirma Pessavento (2005):

A representação torna-se um conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre a ausência e a presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESSAVENTO, 2005, p. 40)

No entanto as imagens representativas da cachaça proferidas nos cordéis analisados são espelho do que foi adotado por uma sociedade predominantemente conservadora que a vê como uma bebida destinada a pessoas de uma classe social menos abastada, sendo preservados inclusive epítetos tanto a cachaça quanto a quem consome, por exemplo cachaceiro, pinguço, pé de cana etc. Nos cordéis analisados porém, pode-se perceber que os poetas agiram representativamente não apenas em nome do preconceito que ronda a cachaça,

mas também em nome dela atribuindo a mesma a oportunidade da defesa e da fala, bem como redimindo quem a consome excessivamente e se encontra no vício.

### 2.2.1 Pelejando com um cachaceiro

Conforme proposto na introdução deste trabalho, dos cordéis que tivemos acesso, selecionamos algumas estrofes para as análises.

O primeiro folheto conta a história de um sujeito, que conversa com o próprio fígado já abalado pelos efeitos do consumo excessivo de cachaça. Presenciamos um diálogo iniciado em primeira pessoa, característica bem comum em folhetos de cordel, onde o discurso se inicia com um orador que situa o leitor sobre tal acontecimento.

Vou contar para vocês  
Uma história com nobreza  
De severas discussões  
Com malícia e esperteza  
Na cidade dos contrastes

“Várzea Alegre é natureza”.  
Conheci um menestrel  
Bebendo de cabeçada  
Com voz bonita e sonora  
Cantando para a moçada  
Alegrando a multidão  
Que passava na calçada.

O seu nome era Mané  
Codinome cachacinha  
Tinha bafo de dragão  
Que espantava galinha  
Bebia todos os dias  
Mas não saía da linha

Os amigos de cachaça  
Desfilavam pela rua  
Jesus Clemente, Tarcísio  
Narcisa a desfilar nua  
Porém, o grande alvoroço  
Era beber vendo a lua  
Um a um, foi se acabando,  
Lentamente iam morrendo.  
A cirrose os dominava  
Pouco a pouco corroendo.  
Os seus fígados doíam  
Pois no álcool iam sofrendo.

Foi aí que o Mané  
Com o seu bucho de lombriga  
Tendo alucinações  
Resolveu entrar na briga

Falou alto para o fígado  
 Bem no alto da barriga:  
 (...)

Esse folheto de autoria de Sávio Pinheiro intitulado A Peleja do Fígado Valente com Mané Cachacinha está dividido em 41 estrofes que se mesclam entre sextilhas, décimas em versos de seis sílabas, sétimas em versos heptassílabos e oitava em quadrão<sup>6</sup>. Nele, a análise do objeto em destaque, que é a cachaça, se dá a partir da percepção que o poeta apresenta a respeito da realidade do tema no contexto ao qual está inserido. O folheto se caracteriza através do gênero peleja, que na poesia popular se configura como um confronto, em forma de versos, entre dois poetas. Na peleja, cada voz presente no embate defende seu ponto de vista, esse gênero vem dos desafios poéticos entre repentistas, para o cordel, o autor transforma em folheto duas distintas ideias sob uma ótica de embate fictício.

Já a princípio, o leitor percebe o que defende cada voz presente na peleja, pois uma voz é de um sujeito muito insatisfeito com seu fígado, que trava com ele uma luta de ofensas incessantes o culpando por qualquer mal que o acometa:

Mané Cachacinha  
 Olha aqui, seu desgraçado,  
 Quero um conselho te dar!  
 Se você está pretendendo,  
 Querendo me aniquilar,  
 Fique sabendo, você,  
 Que saberei me vingar.

A história possui um enredo simples, porém bastante absurdo, isso se dá pelo fato de um fígado, órgão do corpo humano, ter direito a fala dentro da peleja. É esse fato insólito que marca outra voz envolvida na discussão. Essa voz é a do fígado, ele, se defende da agressão e afirma que a sua função é prejudicada pelo excesso de cachaça ingerida por Mané cachacinha.

Fígado Valente  
 Você é um inocente  
 Não sabe do meu valor  
 Desde você criancinha  
 Que eu lhe sirvo com amor  
 Sou o seu fiel amigo  
 Pergunte para o doutor.

O Fígado Valente também tenta explicar o seu valor do ponto de vista funcional no corpo do ser humano, como forma de alertar sobre os malefícios do consumo em excesso de

---

<sup>6</sup> É composta de oito versos, ou oito linhas ou duas quadras, com sete sílabas. As rimas são dispostas da seguinte forma (AAABBCCB).

álcool, desta maneira, o autor encontra meios de levar informação até seu leitor sobre a temática da saúde.

Fígado Valente  
 Observe o pensamento  
 Errado, que o povo tem,  
 Pois sou um laboratório,  
 Faço tudo, mas ninguém  
 Valoriza o meu trabalho  
 Pela vida de alguém.

Considerando que o poeta se faz porta-voz de um povo, ele se mostra um grande expoente identitário de sua cultura. No cordel identificamos essa função, pois apesar de fantasiosa, a história conta um fato comprovado inclusive pela ciência: o de que a cachaça faz mal para o fígado.

Faz-se também necessário pontuar um aspecto da discussão no que concerne a discriminação racial e ao seu trato pelo viés cômico, essa comicidade está presente em boa parte do folheto, porém ao tratar da cor “escura”, notamos um tom maior de escárnio. O preconceito racial também é um tema bastante relevante nas temáticas do cordel e que se faz bastante notório no discurso do cachaceiro. No trecho que se segue, identificamos o uso de termos que são usados para inferiorizar o negro, o que se explica segundo (LIMA, 2005, p.11) pelo fato de que “[...] O cordel brasileiro é marcado pelo imaginário ocidental[...]”, para tanto “[...] No pensamento ocidental, a escuridão e a cor negra assumiram representações do mal, da desgraça, da perdição, da morte e do satanás.[...]”. Logo, Mané cachacinha movido pelo pensamento racista, transfere para o fígado a culpa de suas mazelas, por tratar-se de um órgão de cor escura, eximindo a cachaça de qualquer culpa.

Mané Cachacinha  
 Você pensa que o medo  
 Vai mudar a minha mente?  
 Eu não corro de um debate  
 Com um fígado carente  
 E um “neguim” feito você  
 Vai sofrer no meu repente.

Fígado Valente  
 Você pensa que me abate

Com a discriminação?  
 Se a minha cor é escura,  
 Devido a minha função,  
 Eu não me sinto abatido,  
 Para mim é distração.

Mané Cachacinha  
 Nêgo ruim não tem função  
 Mostre pra mim o que faz!  
 Tu só serves pra doer  
 Desde que me fiz rapaz  
 Vivo tomando remédio  
 E você não me dá paz.

Fígado Valente  
 Eu só vou lhe perdoar  
 Por você está delirando  
 Pois saiba que são quinhentas  
 As funções que eu comando  
 E quando chego a doer  
 A sua morte está chegando.

É digno de nota que o autor também torna presente no folheto a discussão sobre a síndrome de abstinência do álcool ou (SAA), conforme é levado por LARANJEIRA (et.all 2000) ao pontuar em seu artigo alguns sintomas da abstinência do álcool:

Pessoas que bebem de forma excessiva, quando diminuem o consumo ou se abstêm completamente, podem apresentar um conjunto de sintomas e sinais, denominados Síndrome de Abstinência do Álcool (SAA). Alguns sintomas, como tremores, são típicos da SAA. Entretanto, muitos outros sintomas e sinais físicos e psicológicos considerados como parte da SAA são insidiosos, pouco específicos, o que torna o seu reconhecimento e a sua avaliação processos complexos, muito mais do que possa ser pensado num primeiro momento. ( LARANJEIRA, et.all, 2000, p.62)

Sendo assim, tal sintoma como o citado acima por Laranjeira (2000) que remete a tremores, e é típico da abstinência é mencionado no folheto por ambas as vozes.

Mané Cachacinha  
 E de manhã, na cozinha,  
 Quando, o café, vou tomar  
 Tremendo qual vara verde  
 Sem conseguir segurar  
 Sinto que por sua culpa  
 O café, vou derramar.

Fígado Valente  
 Senhor Mané Cachacinha  
 Tu que só falas besteira  
 Se o teu corpo está sofrendo  
 Com tamanha tremedeira  
 Tens a triste abstinência  
 Da cachaça derradeira.

Na narrativa percebemos diversos acontecimentos descritos em cada estrofe que remetem a realidade da pessoa que faz uso indiscriminado da cachaça. Entre esses acontecimentos um dos motivos que levou Mané ao vício.

Mané Cachacinha  
 Eu sempre vivi na noite  
 Na mais completa orgia,  
 Pois achando ser a vida  
 Um buquê de fantasia  
 Caí no vício instigante  
 Do alcoolismo reinante  
 Na trilha da rebeldia.

Desse fato resulta uma conscientização do cachaceiro que nas ultimas estrofes do folheto deixa transparecer o desejo de abandonar o vício. Com isso o autor se coloca como interlocutor do pensamento popular pois através do confronto de ideias toma partido e decide dar um basta na cachaça, ele torna evidente que há em grande parte das pessoas ditas cachaceiras o desejo em parar de beber.

Mané Cachacinha  
 Poço de doença feia,  
 Que me faz comer aveia,  
 Você é que me aperreia  
 E me faz provocação.  
 Eu vou parar de beber  
 Não por você merecer  
 Mas porque quero viver  
 Cantando oitava em quadrão.

Fígado Valente  
 Estou muito orgulhoso  
 De te ver maravilhoso  
 Com um coração bondoso  
 A rezar linda oração.  
 Ao deixar o alcoolismo  
 Salvar-se-á do abismo  
 Transmitirá o lirismo  
 Cantando oitava em quadrão.

O autor encerra o folheto despedindo-se das vozes de Mané Cachacinha e do Fígado Valente, e em primeira pessoa enaltece a vitória que o fígado alcançou na peleja, visto que Mané concordou em parar de beber.

Autor:  
 Para encerrar o cordel do fígado Valente  
 Que fez Mané cachacinha se equilibrar  
 Rogo a Deus que lhe dê paz exemplar  
 E que adquira vida boa novamente  
 Enalteço o grande amigo e paciente

O fígado, que tão bem trata a nossa vida  
 A esperança cruelmente transferida  
 É que faz qualquer alcoólatra um sofredor  
 Por isso eu peço e imploro ao meu senhor  
 Que nos dê amor nessa vida tão sofrida.

O desfecho da narrativa então se dá de forma positiva pois houve uma redenção do sujeito cachaceiro, este optou pelo afastamento da cachaça, sua sensibilização ressalta uma narrativa bastante romantizada pela ideia de final feliz, o que não condiz muitas vezes com a realidade, já que um “cachaceiro”<sup>7</sup> encontra inúmeras dificuldades em se libertar do vício, muitas das vezes nem se libertando. O diálogo entre Mané e o fígado se caracteriza como uma análise de consciência na qual Mané opta pela decisão considerada socialmente a mais sensata.

### 2.2.2 A cachaça na perspectiva religiosa

Neste tópico será analisado o folheto intitulado Discussão do “crente” e o “cachaceiro” de autoria de Vicente Vitorino. Como já mencionado é comum encontrarmos epítetos e visões negativas que fazem da cachaça um mal irremediável, e sob o aspecto religioso, essas visões são bem atenuadas. Este folheto reforça duas ideologias bem tradicionais, a religiosa, através da invocação de Deus com toda sua força superior e de punição, e a do cachaceiro, que está cercado de entraves sociais e de princípios destoantes dos religiosos.

A crença religiosa, é uma ideologia bastante presente em folhetos de cordel, que na maioria das vezes exalta o catolicismo, isso se dá pelo fato de que a religiosidade popular nordestina tem raízes no catolicismo português. Porém o protestantismo exaltado no cordel através do termo “crente” também não passa despercebido em folhetos. O folheto se divide em 33 estrofes que mesclam entre sextilhas e versos em sete sílabas.

O autor mais uma vez, inicia o diálogo em primeira pessoa e começa situando o leitor sobre o que se trata a discussão:

Eu viajando este mês  
 Pela linha do agreste  
 Fui para numa feira  
 Dia de São Silvestre  
 É fraca a feira e de tarde  
 Dá cachaceiro por peste.

<sup>7</sup> No cordel, cachaceiro é um termo usado como sinônimo de alcoólatra.

Trabalhei o dia todo  
 E não arranjei dinheiro  
 A tarde eu entrei num bar  
 Encontrei um cachaceiro  
 Discutindo com um crente  
 Sem o maior desespero

Como podemos notar, o cordel se encaixa no ciclo temático da discussão e da violência segundo os pressupostos de Albuquerque (2011) expostos no capítulo primeiro deste trabalho.

Fica claro também, que a discussão foi provocada pelo cachaceiro que insultou o crente enquanto passava na calçada o convidando para tomar uma “lapada”<sup>8</sup>, considerando que para um “crente”, essa é uma ofensa grave:

Me contou o companheiro  
 Que também estava tomando  
 Bicada junto com ele  
 Que o crente foi passando  
 Na frente do bar e ele  
 Foi logo o crente abraçando

Quando o crente foi passando  
 Com a escritura na mão  
 O cachaceiro abraçou-o  
 Nesta mesma ocasião  
 Ele disse: Oh camarada!  
 Vamos tomar uma lapada  
 De pitú com camarão?

Podemos perceber que o desentendimento toma proporções bem maiores e que o “crente” se sente bastante ofendido com a proposta:

Disse o crente: Deus me livre  
 A minha lei não adota  
 Eu jogar nem tomar cana  
 Não me jogue mais patota  
 Saiba que eu sou um crente  
 E você um insolente  
 Cachaceiro e idiota

Está começada a discussão entre duas personagens de qualidades opostas que rivalizam durante todo o folheto.

---

<sup>8</sup> Gíria bastante utilizada no Nordeste que significa uma dose.

O crente por sua vez se mostra intolerante a atitude do cachaceiro, tanto no que se refere ao consumo da cachaça quanto ao insulto:

Quem joga, quem toma cana  
São uns amaldiçoados  
Fumadores e dançadores  
Esses não são perdoados  
Assim diz a escritura  
Minha salvação é segura  
Mas não a dos viciados

Na verdade, podemos identificar no folheto que a figura do crente não é utilizada tão somente para marginalizar a cachaça e o cachaceiro, como para também marginalizar o “crente” enquanto protestante, pois percebe-se nele um sujeito bastante intolerante e preconceituoso em relação ao consumo de cachaça e a opiniões e modos de vida diferentes do dele. Esse jogo de palavras configura-se segundo (FILHO, 2005 p.70) da seguinte forma, “ A religiosidade popular nordestina é de matriz ibérica, romana pré-conciliar, herdeira direta do catolicismo popular português. ”

Seguindo a análise, teremos a dimensão do quanto o cachaceiro é descrente em relação a Deus e chegando até a culpa-lo pelo vício.

Por que foi Deus que deixou-me  
Sofrendo nesta tamanca  
Que só estou bem quando estou  
Tomando cana Aza Branca  
Quando sinto o cheiro dela  
Me vem o sabor na guela  
Que bebo ou o rabo arranca

Eu bebendo assim como vivo  
Não tenho religião  
Tomo Pitú e Genebra  
Misturo Vinho São João  
Levo queda de morrer  
Deus vendo meu padecer  
Me concede a salvação

A estrofe demonstra um sujeito revoltado com sua situação, elegendo Deus como culpado para sua atual situação. Mesmo assim, o cachaceiro não desiste de sua defesa a “branquinha”<sup>9</sup>. O crente por sua vez argumenta em defesa de Deus:

Deus não fez você assim  
Com essa sentença crua  
De beber no bar alheio

---

<sup>9</sup> Termo muito utilizado no Brasil que significa cachaça.

E cair no meio da rua  
 Bêbado falando sozinho  
 Aborrecendo o vizinho  
 Isto é safadeza sua

Nos versos que se seguem é possível enxergar certas imagens cômicas no discurso do cachaceiro, na verdade toda a discussão se dá pelo viés da comicidade, ele brinca inclusive com a Bíblia Sagrada e suas interpretações. Isso nos faz perceber que a cachaça dá ao cachaceiro uma espécie de argumentos bem-humorados, diferentemente do crente que não se mostra nem um pouco feliz com o tom de deboche que o cachaceiro se refere às crenças religiosas.

Dentro da Bíblia sagrada  
 Tem um provérbio seguro  
 Crescei e multiplicai-vos  
 Disse Deus para o futuro  
 Tudo vive em evolução  
 E daí vem a extração  
 Do aguardente Pé duro.

Veja que loucura sua  
 Com esta interpretação  
 Misturar cana Pé duro  
 Dentro da religião  
 Este capítulo eu não li  
 Melhor que se reconcili  
 Para ter a salvação.

A princípio, o folheto chama atenção por se configurar como uma discussão e um confronto de ideias, bem como o exemplo primeiro da peleja, porém o desfecho deste segundo folheto é bem diferente do primeiro. Apesar dos argumentos apresentados pelo crente, o cachaceiro não opta por abandonar o vício. E em primeira pessoa o autor finaliza o folheto:

Disse o cachaceiro aquele  
 Tem a peste de emperrado  
 Danou-se e não bebeu nada  
 Isto é qué ser amarrado  
 Somente pra não pagar,  
 Ele foi-se eu vou tomar  
 Agora um porre arumado.

Peço desculpa e termino  
 Custa-lhe 50 cruzeiros  
 Vamos fazer uma cota  
 Para arranjar os dinheiros  
 De pagar uma bicada  
 De Pitú ou Aliada  
 Pros pobre dos cachaceiros.

Sendo assim vemos que o autor colocou a cachaça num lugar intermediário, diferente do que comumente acontece no imaginário popular, onde a cachaça ou o cachaceiro são sempre figuras marginalizadas, aqui também é possível identificar certos julgamentos acerca do carente, como um sujeito intolerante. Porém o enunciador deixa como registro a cachaça e o cachaceiro carregados de qualidades ruins e atitudes estúpidas perante a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as tradições presentes na Literatura de Cordel nordestina e levando em consideração a cachaça como um produto tipicamente da cultura brasileira chegamos as seguintes conclusões:

Diante das análises, à medida que a pesquisa foi se aprofundando podemos perceber que as representações feitas nos folhetos de cordel em relação cachaça apresentam em sua grande maioria conotações negativas. De fato, o cordel atribui a quem consome a cachaça o estigma de “cachaceiro” que no Nordeste ecoa como um sujeito alcoólatra, ou aquele que vive à margem da sociedade.

No folheto A Peleja do Fígado Valente contra Mané Cachacinha evidenciou-se o despertar de um indivíduo que no primeiro momento se mostra indiferente em relação a sua prática de beber cachaça, e aos poucos toma consciência do “mal” que ela faz, apontando a possibilidade de uma mudança de atitude. No segundo folheto, Discussão de um crente com um cachaceiro identificamos exatamente o contrário, um sujeito satisfeito com sua condição de cachaceiro e que não pretendia mudar os seus hábitos.

Nesse sentido, a cachaça e suas histórias repercutem nas práticas de cultura nordestina como uma bebida estigmatizada, estigma esse enraizado desde os primórdios quando ainda uma bebida apreciada apenas pelos escravos, repercutindo até hoje uma imagem negativa. Vale destacar que a cachaça se configura como um símbolo nacional e apesar de fazer parte da cultura popular brasileira ainda não conseguiu se ressignificar.

Outra constatação revelada pela pesquisa foi a de que a cachaça assume a condição identitária do alcoólatra, ambos os folhetos se dispõem a tratar do alcoolismo, e a bebida escolhida para tal é a cachaça. Logo, ela conseguiu como nenhuma outra bebida canalizar para si a antipatia na visão imagética do poeta de cordel. No que se refere ao cachaceiro enquanto ser consumidor do produto, percebeu-se a insistência em representa-lo sempre como um indivíduo inconveniente, provocador, e que não tem controle sobre seus atos.

Por fim chegamos à conclusão de que a cachaça na literatura de cordel tem sua imagem atrelada ao exagero, ao cômico e faz uso de um discurso carnalizado o que na verdade contribui para que ela se torne um tema cada vez mais presente nos folhetos. O estudo sobre o tema da cachaça está ainda nos prolegômenos e pouco se fala sobre este material de pesquisa que merece ser retomado inclusive, sobre vários enfoques.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Alb, 1999.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth B. C. de. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**, 2011. 322 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 83 p. (Coleção Primeiros Passos, 36).

AYALA, M.I.N.; FREIRE, R.V. **Vozes do folheto: uma prática de leitura e um caso de poética oral Boitá** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL 2010.

BARROS, Leandro Gomes de. **O divórcio da lagartixa**. Cordel, 1908.

BORGES, Maria Edileuza. **A história do poeta-repórter que não foi agricultor, não deu para pedreiro e vive feliz escrevendo cordel**. Jornal de Commercio, p. 8, 1978.

BORGES, José Francisco. **A filosofia do peido**. Gráfica J. Borges. Bezerros, PE, 2001.

FILHO, Carlos Ribeiro Caldas. **Religião na literatura de cordel: análise da religiosidade popular do nordeste brasileiro**. **Revista de Cultura Teológica. ISSN (impresso) 0104-0529 (eletrônico) 2317-4307**, n. 52, p. 65-77, 2005.

CANCLINI, Nestor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Tradução: Cláudio Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CARVALHEIRA, O. P. **A nossa cachaça**. São Paulo: O Autor, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**. São Paulo: Global, 2006.

DINIZ FILHO, Francisco Ferreira. **Projeto Cordel na Escola**. 2009.

FIGUEIREDO, Luciano; PRIORE, Mary Del (orgs.). **Cachaça, alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005.

LARANJEIRA, Ronaldo et al. **Consenso sobre a Síndrome de Abstinência do Álcool (SAA) e o seu tratamento**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 22, n. 2, p. 62-71, 2000.

LIMA, Maria José Rocha . **Imagem do cão : o negro na literatura de cordel - origens e disseminação do preconceito racial**. Brasília/DF Outubro, 2005. Universidade de Brasília Curso de Pós-graduação Lato Sensu Culturas Negras no Atlântico.

LINS, Daniel Soares. **O último copo: álcool, filosofia, literatura**. Editora José Olympio, 2013.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5. ed. Pinheiros/SP: Brasiliense, 1992.

MACIEL, J. **Fundamentos teóricos do sistema Paulo Freire de educação.** In: FÁVERO, O. (org.) *Cultura popular e educação popular: memória dos anos sessenta.* Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MELO, Vicente Vitorino. **Discussão de um crente com um cachaceiro.**

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** DP & A, 2006.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas. **A formação da literatura de cordel brasileira.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela.

PESSAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO, Helder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** Coleção literatura e ensino, 2. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Sávio. **A Peleja do Fígado Valente com Mané Cachacinha.**

TRINDADE, A. G. (2006). **Cachaça: um amor brasileiro.** São Paulo: Melhoramentos.

SILVA, José Itamar Sales da. **A representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros.** Campina Grande: Latus, 2011.

ULIANA, Ana Carolina Von; BARÃO, Jaqueline de Oliveira. **O Deus do vinho Baco: o poder da mitologia.** In: XI CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO NORTE PIONEIRO Jacarezinho. 2011. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Ciências Humanas e da Educação e Centro de Letras Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2011. ISSN – 18083579. P. 476 – 483.

VERAS, Ivo Macena. **Pinto do Monteiro; o maior repentista do século.** Recife: Editora do Autor, 2002.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares.** Campina Grande: Bagagem, 2003.

SUASSUNA, A. **Almanaque armorial.** Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Trad. de Jerusa Pires Ferreira *et al.* São Paulo: Hucitec, 1997.

## ANEXOS



**F** — Você pensa que me abate  
Com a discriminação?  
Se a minha cor é escura,  
Devido a minha função,  
Eu não me sinto abatido,  
Para mim é distração.

**M** — Nêgo ruim não tem função  
Mostre pra mim o que faz!  
Tu só serves pra doer  
Desde que me fiz rapaz  
Vivo tomando remédio  
E você não me dá paz.

**F** — Eu só vou lhe perdoar  
Por você está delirando  
Pois saiba que são quinhentas  
As funções que eu comando  
E quando chego a doer  
A sua morte está chegando.

**M** — Ora bolas, tá mentindo!  
Pois sinto dor todo dia  
A barriga dói no alto  
Com gastura e agonia  
Minha boca fica azeda  
Chego até a sentir azia.

- 04 -

**F** — Veja como me acusas  
Por você nada saber.  
Quanta dor e tanta azia,  
Que parecem até ferver  
Provém lá do teu estômago  
É gastrite pra valer.

**M** — E de manhã, na cozinha  
Quando, o café, vou tomar  
Tremendo qual vara verde  
Sem conseguir segurar  
Sinto que por sua culpa  
O café, vou derramar.

**F** — Senhor Manó Cachacinha  
Tu que só falas besteira  
Se o teu corpo está sofrendo  
Com tamanha tremedeira  
Tens a triste abstinência  
Da cachaça derradeira

**M** — Falando assim tão bonito  
Mais parece um coração,  
Aquele órgão, que é o chefe  
Da nossa preservação,  
Que manda em todos vocês  
E dá conta da missão.

- 05 -

**F** — Você que só quer beber  
E jogar conversa fora  
Não vê que o coração  
Usa a mídia toda hora?  
Ele só tem a função  
De jogar o sangue fora.

**M** — Você está é com inveja  
Seu crioulo desgarrado  
O famoso coração  
É um órgão namorado  
Pois as mães e os casais  
Usam-no com muito agrado.

**F** — Realmente você tem  
Boa observação  
No dia dos namorados  
Louva-se o coração  
Também no dia das mães  
É enorme a louvação.

**M** — Então trate de entender  
A aprovação popular  
Você diz que é esperto  
Mas não quer acreditar  
Tu só seves pra dá gosto  
Sexta-feira no jantar.

- 06 -

**F** — Observe o pensamento  
Errado, que o povo tem  
Pois sou um laboratório  
Faço tudo, mas ninguém  
Valoriza o meu trabalho  
Pela vida de alguém.

**M** — A sua insignificância  
É tão fácil de mostrar,  
Que se fores colocado  
Em um pomposo jantar  
Dirão: Não há etiqueta  
Essa festa é popular.

**F** — Deixa de espanto  
Caneiro melado  
Do bucho quebrado  
Que só traz o canto.  
Eu bem me garanto  
Sou um órgão decente.  
Salvo muita gente  
Do grande pecado  
Sempre embriagado  
Serás indigente.

- 07 -

**M** — Sinto a boca amarga  
 Tal chão de bodega  
 O sabor não nega  
 Parece descarga.  
 O gosto não larga  
 Está muito além.  
 O fígado é que vem  
 A ser o culpado  
 É grande o legado  
 Eu só digo amém.

**F** — Amigo Mané  
 Eu vou te mostrar  
 Aonde encontrar  
 Gosto de chulé.  
 Na língua há rapé  
 Saburra e mau gosto.  
 Eu vejo no rosto  
 Desinformação  
 Povo sem lição  
 Só dá é desgosto.

**M** — Tu és a figança  
 Que me dá gastura  
 Que o pobre mistura  
 Ao vir da matança.  
 Sua tripa balança  
 Com a indecência.  
 Sem muita ciência  
 O coalho despacha  
 Cheirando a borracha  
 Sai a flatulência.

**F** — Você não se gaba  
 De mim um instante  
 Faz-me de errante  
 Meu poder desaba.  
 O mundo se acaba  
 Mas sou bem decente.  
 Sou o filho valente  
 Da sua fustrura  
 Não tenho rasura  
 Sou melhor que gente.

- 08 -

- 09 -

**M** — Seu "figo" amargoso  
 De cor tão escura  
 Vivo na amargura  
 Sem ter um só gozo.  
 Eu era bondoso  
 Quando não bebia.  
 Sofrendo agonia  
 Eu ando sem graça  
 Devido a cachaça  
 A vida é vazia.

**F** — Pressinto uma vida nova  
 Dentro do seu coração  
 Pois antecipo a você  
 Com tão sublime emoção  
 Que se você quer viver  
 Deixe logo de beber  
 Esta é a sua provação.

**M** — Seu pacote de cirrose  
 Fonte de bile e de dor  
 Não pense que é o melhor  
 Nem que é o meu superior.  
 Se abri o meu coração  
 E expus a minha emoção  
 É porque tenho valor.

- 10 -

**F** — Isso é muito positivo  
 Na nossa vida real  
 Pois demonstrando que tem  
 Uma esperança vital  
 Você encontra a melhora  
 Deixando o vício de outrora  
 O álcool é um grande mal.

**M** — Eu sempre vivi na noite  
 Na mais completa orgia  
 Pois achando ser a vida  
 Um buquê de fantasia  
 Cai no vício instigante  
 Do alcoolismo reinante  
 Na trilha da rebeldia.

**F** — Eu fico feliz assim  
 Se prometeres a mim  
 Que você vai dar um fim  
 Nesse vício sem razão.  
 Colocando em sua mente  
 Voltarás logo a ser gente  
 Viverás alegremente  
 Cantando oitava em quadrão.

- 11 -

*M — Poço de doença feia  
Que me faz comer aveia  
Você é que me aperreia  
E me faz provocação.  
Eu vou parar de beber  
Não por você merecer  
Mas porque quero viver  
Cantando oitava em quadrão.*

*F — Eu entendo o teu orgulho  
Pois tem na mente o gorgulho  
O que te enche de entulho  
Descumprindo a tua missão.  
Não tenhas nenhum receio  
Pois acharás um bom meio  
De deixar o vício feio  
Cantando oitava em quadrão.*

*M — Quando estou embriagado  
O meu enorme pecado  
É andar todo rasgado  
Imitando um pobretão.  
Porém, canto a melodia  
Que a bela noite anuncia  
Recriando a fantasia  
Cantando oitava em quadrão.*

- 12 -

*F — Estou muito orgulhoso  
De te ver maravilhoso  
Com um coração bondoso  
A rezar linda oração.  
Ao deixar o alcoolismo  
Salvar-se-á do abismo  
Transmitirá o lirismo  
Cantando oitava em quadrão.*

*M — Observo a paciência  
Que tem Vossa Excelência  
De agüentar tanta demência  
Desse pobre bebarrão.  
Porém, eu quero dizer  
Voltarei a ter prazer  
Acharei o meu bem-querer  
Cantando oitava em quadrão.*

- 13 -

**Autor:**

*Pra encerrar o cordel do fígado valente,  
Que fez Mané Cachacinha se equilibrar,  
Rogo a Deus que lhe dê paz exemplar  
E que adquira vida boa novamente.  
Enalteço o grande amigo e paciente  
O fígado, que tão bem trata a nossa vida!  
A esperança cruelmente transferida  
É que faz qualquer alcoólatra um sofredor  
Por isso eu peço e imploro ao meu senhor  
Que nos dê amor nessa vida tão sofrida.*

**FIM**

- 14 -

**DO PÉ DO CRUZEIRO**

Autor: Mundim do Vale  
(Várzea Alegre - CE)

Do pé do cruzeiro, com o vento soprando  
Vi Romana cantando  
O bandido meia novo.  
Do pé do cruzeiro, tomando uma brisa  
Eu vi Dona Eliza  
Educando meu povo.

No pé do cruzeiro, me perdia na hora  
E só ia embora  
Quando tava sem luz.  
No pé do cruzeiro, olhando pra cima  
Eu fiz essa rima  
Pensando em Jesus.

Do pé do cruzeiro, na barraca do azul  
Eu vi João Birtu  
Ficar no caritó.  
Do pé do cruzeiro, eu vi Padre Otávio  
Criançando Zé Sávio  
Nos braços da avó.

Do pé do cruzeiro, com Zé Athaide  
Eu vi Alaide  
Ouvindo o sermão.  
Do pé do cruzeiro, vi Raimunda Teixeira  
Subindo e ladeira  
Com o terço na mão.

Do pé do cruzeiro, com Zé de Bogim  
Vi quando Belim  
Calu lá do ferro.  
Do pé do cruzeiro, eu vi Paruara  
Com um pano na cara  
Brincando de Zorro.

Do pé do cruzeiro, na missa campal  
Vi Seu Lourival  
Cantando Louvor  
No pé do cruzeiro, eu brincava de toca  
E via João Doça  
Levando o andor.

- 15 -

## ANEXO B

## Cordel Discussão de um Crente com um Cachaceiro.



**Autor: Vicente Vitorino**  
**Discussão do «Crente» e o «Cachaceiro»**

Eu viajando este mês  
 pela linha do agreste  
 foi parar numa feira  
 dia de São Silvestre  
 é fraça a feira e de tarde  
 da cachaceiro por peste

Trabalhei o dia todo  
 e não arranhei diabeiro  
 A tarde eu entrei num bar  
 encontrei um cachaceiro  
 discutindo com um crente  
 com o maior desespero

Me contou o companheiro  
 que também estava tomando  
 bicada junto com ele  
 que o crente foi passando  
 na frente do bar mais ele  
 foi logo o crente abraçando

Quando o crente foi passando  
 com a escritura na mão  
 o cachaceiro abraçou-o  
 nesta mesma ocasião  
 ele disse oh! camarada  
 vamos tomar uma lapada  
 de Pitô com camarão?

Disse o crente, Deus me livre  
 a minha lei não adota  
 eu jogar nem tomar cana  
 não me jogue mais patota  
 saiba que eu sou crente  
 e você um insolente  
 cachaceiro e idiota

Biblioteca Amadori 10000  
 MEX: FUNAÇÃO INF.

-2-

B- disse o cachaceiro a êle  
que orgulho é êsse seu  
voçê já sabe da conta  
de crente que se perdeu  
isso da lei é loucura  
jogue fora essa escritura  
e tome Pitú mais ou

C- quem joga quem toma casa  
são uns amaldiçoados  
fumadores e dançadores  
êsses não são perdoados  
assim diz a escritura  
minha salvação é segura  
mas não os violados

B- você não bebe nem fumo  
cigarros de Souza Cruz  
não dança devido a cota  
um baralho não conduz  
que rendimentos dar ao país  
voçê é um infeliz  
não é um membro de Jesus

C- Deus quando formou homem  
foi pra viver em harmonia  
uns com os outros arranjando  
o seu pão de cada dia  
não foi pra tomar cachapa  
e viver nesta desgraça  
abusando a freguesia

-3-

B- porque foi que Deus deixou-me  
sofrendo nesta tamanca  
que só estou bem quando estou  
tomado casa Ara Branca  
quando sinto o cheiro dela  
me vem o sabor na guela  
que eu bebo ou o rabo arranca

C- Deus não fez você assim  
com esta sentença orua  
de beber no bar alheio  
e cair no meio da rua  
bêbedo falando sozinho  
aborecendo o vizinho  
isto é saludeza sua

B- eu bêbedo assim como vive  
mas tenho religião  
tomo Pitú Genebra  
misturo com vinho São João  
levo queda de morrer  
Deus vendo meu padecer  
me concede a salvação

C- Deus quando formou mundo  
fez o homem tão perfeito  
destinguio-lhe dos outros seres  
e ficou bem santificado  
prometeu-lhe a salvação  
e a imunda corrupção  
faz o homem deste gette

-4-

B- todo domingo na missa  
eu ouço o padre ensinar  
coma o pão beba do vinho  
para poder se salvar  
e eu ouvindo o sermão  
compro do vinho São João  
bebo dele até topar

C- é porque você está bêbedo  
não adianta discussão  
mas quando ficares bom  
eu vou dar-te uma lição  
tirar-te desta má fé  
e ti mostrar como é  
o caminho da salvação

B- quando eu bêbo zerra grande  
me recordo da ladetra  
do Calvário que Jesus  
levou a cruz de madeira  
lá foi muito judiado  
eu tambem sou arretado  
bebendo a Cans Rancheira

C- nunca queira comparar  
seu sofrer com o de Jesus  
enquanto o homem foi santo  
e depois de morto a luz  
da ciência e da verdade  
e tua fatalidade  
que a miséria conduz

-5-

B- se beber fosse pecado  
não tinha cansaval  
de casa para extrair-se  
aguardente especial  
engenho nenhum não moia  
voçê tambem não bebia  
café e assucar orista!

C- é certo eu tomo café  
feito com assucar fino  
isto me dar alimento  
não passa para meu tino  
como faz a aguardente  
que fez o homem insolente  
desordido e assassino

B- é porque vocês querem ser  
melhores do que a gente  
toma orido chupa cansa  
não bebe porque é crente  
isto é por ser idiota  
e não é da P O J  
caldo açúcar e aguardente?

C- nós não queremos ser  
mais dignos do que vocês  
mas nós crentes não abraça  
a imunda embriaguez  
seja moço ou seja velho  
vindo a nós no avanjelho  
está salvo desta vez

-6-

B- e a gente só se salva  
se for na sua assembleia  
então eu vou com você  
pra sair dessa coróia  
vamos comigo lá dentro  
tomar primeiro um sargento  
pra despertar a ideia

C- eu já não disse a você  
que não tomava cachaça  
mas parece que você  
está me tomando por graça  
me convidar pra beber  
isto é para você  
que vive bebendo na praça

B- grande coisa eu convidar  
um colega pra bica  
colega não que não vivo  
com a sua cachorrada  
seu tipaicho indecente  
disse o cachaceiro o crente  
tá numa peinha de nata

C- e sou um homem que estudo  
conheço escritura a fundo  
qualquer uma escritura bíblica  
eu respondo num segundo  
sou pregador de evangelho  
por isso mesmo aconselho  
este tipo vagabundo

-7-

B- voce já leu alguns livros  
de fabricar aguardente  
Piça Fôgo Contra Gato  
Deus me livre disse o crente  
de ler certas misérias  
disse o bebedor são matérias  
que tem estudo excelente

B- dentro da Bíblia Sagrada  
tem um provérbio seguro  
crescei e multiplicai-vos  
disse Deus para o futuro  
tudo vive em evolução  
e daí vem a extração  
da aguardente pé duro

C- veja que loucura sua  
com esta interpretação  
misturar cana pé duro  
dentro da religião  
este capítulo eu não li  
melhor se reconselli  
para ter a salvação

B- e quando Jesus foi preso  
de espalho foi coroado  
lhe puzeram uma cana na mão  
com certo bem ornado  
ele não maldicou-a  
por isso da cana boa  
eu tome desseombado

-8-

C- meu amigo já é tarde  
tá na hora da partida  
eu vou pedir a Jesus  
pra melhorar tua vida  
muito bem meu camarada  
vamos tomar uma lapada  
agora por despedida?

C- esqueça essa vida imunda  
de melandro desordeiro  
vamos tomar a saída  
agora por derradeiro  
não quer tomar Alada  
tome champanha gelada  
respondeu o cachaceiro

B- disse o cachaceiro aquele  
tem a peste de imperrado  
danou-se e não bebeu nada  
isto é que ser amolgado  
somenté pra não pagar  
ele foi-se eu vou tomar  
agora um porre apumado

Peço desculpa e termino  
custa-lhe 50 cruzeiros  
vamos fazer uma cota  
para arranjar os dinheiros  
de pagar uma bicada  
de Pitú ou Alada  
prô pobre dos cachaceiros

FIM